REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 327

21 DE JANEIRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Não lhes fallarei hoje das recitas da Patti, nem na estreia do tenor Vergnet, na *Ebrêa*, nem na *Lucia*, pela Regina Paccini, nem em nenhum d'esses ultimos acontecimentos, pela simples rasão de não ter assistido a elles.

Ha mais de dez dias que estou preso em casa por uma doença incommoda, impertinente como todas as doenças — no fim de contas, não digamos muito mal d'esta, coitada! — e que de todas essas novidades tenho tido apenas conhecimento pelo que os jornaes escrevem e pelo que dizem algumas das pessoas amigas, que se tem lembrado de vir fazer-me um bocado de companhia.

Mas para não curar por informações, para não construir uma chronica sobre o que me diz um e outro, prefiro muito mais não lhes fallar n'essas novidades que não tenho visto, e fallar-lhes apenas na ultima novidade a que assisti, ainda que ella não seja já muito nova para a maior parte da gente.

Essa novidade é a peça nova de D. Maria — *Os Velhacos*.

Deve-se talvez a mim a *reprise* d'essa comedia, no theatro de D. Maria.

Fui eu que n'uma noite, jogando a manilha com Pedro Vidoeira, lhe fallei nos *Faux-bonshommes*, que n'essa manhã folheára.

— Porque não torna você a pôr essa peça em scena? disse-lhe eu.

D'alli a tempos o Vidoeira communicou-me que tinha pensado no que eu lhe dissera, tinha lido a peça outra vez, — pois apesar de a ter traduzido lembrava-se já muito pouco d'ella — e que ia tratar de a pôr outra vez em D. Maria, passando pelos olhos a traducção.

Esse passar pelos olhos foi porem simplesmente uma maneira de dizer.

Vidoeira teve que traduzir de novo a peça toda, porque do manuscripto antigo achou-se apenas um acto e ainda assim todo truncado.

— Não sei se valerá a pena traduzil-a outra vez! disse-me o Vidoeira quando me contou este desastre.

— Eu traduzia-a, porque gosto muito da peça, acho-lhe muita graça e tenho confiança n'ella.

Elle traduziu-a, mas depois esbarrou no titulo. *Les Faux-bonshommes.*

Da outra vez traduzira isso por hypocritas.

Mas não era a traducção boa, não correspondia perfeitamante ao titulo francez.

Ora um titulo quando se não lhe encontra logo a traducção, o equivalente, é negocio para peras.

Sempre me hade lembrar o que me aconteceu com *le monde où l'on s'ennuie*.

Andei um mez á procura d'um equivalente para este titulo.

Eduardo Garrido offereceu-me um: *A sala do risco de... morrer d'aborrecimento.*

Pedi a toda a gente; consultei todos os meus amigos litteratos e não litteratos, e nada, inteiramente nada. Muitos titulos, lá isso muitos!

Cada qual me dava tres ou quatro.

Pois o mal era exactamente esse.

Todos me davam muitos titulos a escolher porque não havia nenhum que se impozêsse.

No fim de contas chegou o momento de se fazer o cartaz; era indispensavel mandar o titulo para a imprensa.

As hesitações tinham que acabar por força.

— Ah! sim? Pois então lá vae: *Le monde*, A sociedade — *où l'ou*, onde a gente — *s'ennuie*, se aborrece.

E foi assim que eu sahi d'essa difficuldade, sahida que fez gastar tanta tinta ao Lallemant e que forneceu um dito a Urbano de Castro, para uma revista que então estava a escrever para o Gymnasio.

— O sr. desde esse momento em diante tem *a sociedade onde a gente se aborrece* á minha gratidão.

— Hein? A sociedade?...

— Sim, o maior titulo que se conhece, ao meu reconhecimento.

O Vidoeira viu-se nos mesmos assados com os *Faux-bonshommes*.

Hypocritas, que já tinham servido, não serviram.

Os Falsos homens de bem!

Que boas pessoas!

Boas pessoas!

A falsa bonhomia.

Bondade postiça.

E uma lista enorme de titulos, mas nenhum d'elles bom.

Chegou a tal ultima hora.

Era preciso fazer o cartaz e o Vidoeira não estava no theatro.

E não havia nome escolhido.

E não se podia esperar muito tempo.

E uma voz diz d'um lado:

Os Velhacos

Os Rosas, accodem:

— Vá lá os *Velhacos*.

— Então vae *Velhacos?* pergunta o Aristides Abranches.

— Vae.

E foram os *Velhacos*.

D. JOÃO GOMES FERREIRA, NOVO BISPO DE COCHIM

(Segundo uma photographia de G. R. Lambert & C.ª)

E o melhor da festa é que não se sabe quem deu o titulo, de quem era a voz que disse *Velhacos*, e que o Vidoeira depois de pensar durante tres ou quatro mezes no titulo para a peça, e de não lhe agradar nenhum, viu-a de repente baptisada sem saber quem foi o padrinho!

Em suma, a peça foi e eu fiquei desapontado porque o effeito dos *Faux bonshommes*, ficou muito áquem do que eu imaginava.

A peça agradou muito, mas não deu dinheiro ao theatro: fez rir muito o publico, mas não o interessou; quem lá a ia ver gostava muito, mas o que era é que foi lá pouca gente.

Já da outra vez, ha muitos annos, os *Faux bonshommes* tinham tido a mesma sorte, não cahiram, passaram. Attribuia-se esse insuccesso á peça ter ido em má epocha, em estar pouco para o gosto do publico d'então, em ter ido á scena em cima d'um grande successo theatral.

D'esta vez os *Faux bonshommes* não foram mais felizes.

Porque?

Não me parece facil achar outra explicação senão, na falta de enredo, que interésse, que prenda vivamente o publico, porquanto aquelles amores de pintor estão já velhos como o demonio, e tambem porque a comedia tendo muita graça, tendo muito espirito, não tem comtudo esse cunho de superioridade, esse tom de obra prima, essa aureola deslumbrante, que attrahe e fascina o publico.

Alguns criticos francezes consideram os *Faux bonshommes*, como a melhor peça de Theodoro Barriere.

Nós não lhe dando esse logar de honra, essa proeminencia que nos parece injusta, gostamos muito d'ella, achamos-lhe muita graça, typos comicos explendidamente estudados, como por exemplo não me lembro dos nomes dos personagens da peça, porque Vidoeira imitou-a e deu ás figuras nomes portuguezes, mas designal-os-hei pelos artistas que os desempenham: — o papel do actor Costa, o de Cesar de Lima, o de Silva Pereira e principalmente o de Augusto Antunes que é um dos personagens mais bem observados da peça e que tem um traço á Moliere — o almoço do 4.º acto!

Eu que conhecia já a peça, diverti-me immenso a vel-a representar, e nem por um momento tive um d'esses pedaços de fadiga, tão vulgares ás vezes no theatro.

Nos *Velhacos* não ha nada que masse, que enfastie, vê-se de principio a fim sempre a sorrir quando não é a rir ás bandeiras despregadas.

A traducção de Pedro Vidoeira está feita com muita graça, os equivalentes muito bem achados, é uma traducção que denuncia bem as altas aptidões e meritos do traductor, que mostra ser feita por um homem de letras laureado, que conhece bem a sua lingua e a lingua franceza, e que além d'isso conhece bem o theatro e tem bom gosto.

O desempenho dos *Velhacos* é explendido, é completo em todos os seus papeis. Augusto Rosa é magnifico de boa veia comica, de elegancia, de bom tom, de grande distincção artistica na maneira de dizer, na maneira d'ouvir, na maneira de contrascenar.

Cezar de Lima que reappareceu n'esta peça no theatro de D. Maria — o antigo theatro das suas glorias — encontrou os seus successos d'outr'ora tão frescos e tão sinceros, como se quando sahiu lhe tivesse atado o lenço, para não perder o logar. O festejado actor comico fez o papel dos *Velhacos* magistralmente, sem um bocadinho de exagero, mantendo sempre a linha de um primeiro artista.

Costa, é soberbo, é impagavel, e mais uma vez me corroborou a minha opinião dé que é um dos primeiros actores comicos de Portugal.

Ferreira da Silva faz excellentemente um pequeno papel, e na maneira porque o desempenha vê-se logo que é um artista a valer, um artista a quem está reservado logar brilhante na nossa scena.

Silva Pereira, fez-nos rir a bom rir com o bello typo que exhibiu, e com a segurança com que o sustentou sempre.

Magalhães, um actor brazileiro que se estreiou nos *Faux-bonshommes*, agradou-nos muito, sabe estar em scena, sabe dizer, parece-nos intelligente, já bastante senhor da sua arte e a sua escriptura em D. Maria afigura-se-nos ser uma excellente acquisição.

Augusto Antunes apresentou um bello typo qué sustentou com a sua habitual correcção

Pinheiro, um actor novo que na epocha anterior passou do conservatorio para o Gymnasio, e que na actual passou do Gymnasio para D. Maria, fez excellentemente um typo comico, com graça e achando a nota justa da caricatura que é a grande difficuldade d'aquelle genero de papeis. Nós folgamos immenso com o exito que Pinheiro teve n'este papel, exito que foi registado por todos os jornaes e que foi sublinhado pelo publico com os seus applausos, porque Pinheiro é um rapaz muito intelligente e muito modesto, estuda com presistencia e com fé, e temos o palpite que hade fazer muito honrosamente o seu caminho.

Que Emilia Candida faz com muita graça um papel comico, e que Amelia da Silveira faz com muita elegancia e distincção um papel pouco importante, não é necessario dizer, a quem conhece as duas artistas, agora o que é necessario dizer é que uma actriz nova que está em D. Maria este anno, e que se chama Umbolina, sagundo nos parece, tem feitio, vocação, diz com muita intelligencia e occupa muito bem o seu logar.

E agora, para a proxima chronica fallaremos das novidades *novas* se a nossa doença, nos der licença, de travar conhecimento com ellas, o que esperamos em Deus.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. JOÃO GOMES FERREIRA

NOVO BISPO DE COCHIM

O novo bispo de Cochim, D. João Gomes Ferreira, cujo retrato publicamos, é natural de Penafiel, onde nasceu em 1851, e filho de Antonio dos Santos Gomes e de D. Maria Ferreira.

Seu pae, negociante, pensou em o dedicar á vida commercial, e para isso encaminhou os primeiros estudos de seu filho.

O joven estudante distinguiu-se logo nos primeiros estudos que cursou, no lyceu do Porto, de modo notavel, principalmente na mathematica para que revelou grande aptidão.

Concluido, porém, que foi o seu curso, no lyceu do Porto, o laureado estudante não seguiu a carreira que seu pae tinha em vista, porque um seu tio abbade, influiu para que elle se dedicasse á vida ecclesiastica, tomando-o sob a sua tutela.

João Gomes Ferreira accedeu de bom grado aos desejos de seu tio, e entrou para o Collegio das Missões Ultramarinas de Sernache do Bom Jardim.

N'este collegio, como no lyceu do Porto, deu provas de grande intelligencia e applicação ao estudo, a par de apreciaveis qualidades de coração, naturalmente bondoso e amante da virtude.

Em 1875 completou o seu curso e ordenação, sendo logo, em maio d'esse mesmo anno, mandado para o Seminario de Macau com destino ao magisterio.

No Seminario de Macau desempenhou as funcções de professor de theologia, de desenho e outras disciplinas, sendo pouco depois nomeado vice-reitor d'aquelle estabelecimento, pela ausencia do reitor, sr. bispo Medeiros quando foi a Timor.

N'este importante logar se conservou até 1878, em que o desejo de missionar em Timor, o levaram a pedir ao seu perlado, D. Manuel Bernardo de Sousa Ennes, licença para se ir juntar aos missionarios que na Oceania empenhavam as suas forças, em derramar sobre aquelles povos semi-selvagens, as luzes do Evangelho.

Foram importantissimos os serviços que prestou na missão de Timor, onde logo á sua chegada foi encarregado da parochia de Delli.

Ao seu zelo e actividade deveu a parochia de Delli os mais assignalados beneficios, não só espirituaes, mas ainda temporaes, devendo-se notar entre estes a organisação do registro parochial, e a estatistica da população da cidade, que não estava feita.

Proseguindo na sua missão christã e civilisadora, percorreu toda a ilha de Timor, arrostando com todos os perigos que cercam os missionarios, e colhendo os mais satisfatorios resultados para a religião, com a sua palavra inspirada.

Foram tão relevantes os beneficios prestados, que lhe valeram o ser elevado a superior da missão.

Para melhor completar a sua missão evangelidora, cooperou com todas as suas forças para concluir, no reino de Manatuto, uma egreja a que o primeiro superior da missão, o bispo Medeiros, dera começo.

A sua dedicação não teve limites, pois elle proprio chegou a trabalhar no novo templo pintando e adornando o interior do mesmo. Alem d'isto concluiu tambem uma casa destinada para collegio, augmentou a casa da missão de Occussi e o collegio ou casa de beneficencia de Delli.

Foi no meio d'estes proficuos trabalhos, que o surprehendeu a sua nomeação para bispo de Cochim, honra que elle não esperava, e que só acceitou por obediencia ás ordens dos seus superiores.

A vida passada do benemerito missionario, é uma garantia para o elevado cargo de bispo que foi chamado a desempenhar, e por isso é de esperar que as virtudes, o zelo e a actividade que distinguiram o simples ecclesiastico, se continuem no novo bispo, a quem correm os melindrosos deveres do seu cargo.

CALIX OFFERECIDO POR EL-REI D. LUIZ A SUA SANTIDADE LEÃO XIII

O calix com que Sua Magestade El-rei D. Luiz brindou Sua Santidade o Papa Leão XIII, por occasião do jubileu, é uma peça de ourivesaria de primeira ordem, executada nas officinas dos sr.ˢ Leitão & Irmão, distinctos ourives joalheiros estabelecidos em Lisboa, e cuja fama das suas obras é bem conhecida, no paiz e no estrangeiro.

Este calix é copia de um outro existente no museu da Ajuda, e que el-rei escolheu para servir de modelo.

A obra não desmereceu do modello; os artistas do seculo XIX não ficaram inferiores aos artistas do seculo XVI; a raça dos Gilis Vicentes tem dignos continuadores, e se não se manifesta mais ruidosamente em obras d'arte, é porque não tem ensejo para isso.

Esta e outras obras da ourivesaria moderna, algumas das quaes temos reproduzido no OCCIDENTE, confirmam plenamente o que acabamos de dizer, devendo acrescentar que os trabalhos das officinas dos sr.ˢ Leitão & Irmão, executados sob a intelligente direcção dos seus proprietarios, são dos que mais se distinguem e honram a ourivesaria portugueza, tornando-se credores de justos elogios.

O primoroso trabalho do calix a que nos referimos, foi executado por artistas portuguezes, e levou cinco mezes a fazer, o que é um praso relativamente limitado para tão custosa obra.

El-Rei ficou tão agradado do calix e teve em tão alto apreço esta obra d'arte, que destinguio os sr.ˢ Leitão & Irmão com a honrosa nomeação de—Joalheiros da Corôa.

O calix que serviu de modelo, é, conforme dissemos, obra dos fins do seculo XV ou principios do seculo XVI e pertenceu ao convento de Christo, em Thomar.

A copia que se fez é, como o original, de prata dourada, pesando cinco kilogrammas, e tem de altura $0^{m},36$.

A gravura dispensa-nos de uma descripção minuciosa, pois mostra perfeitamente a fórma elegante e delicada do primoroso artefacto.

Os baixos relevos que se vêem em volta da base, representam a Annunciação e todos os mais passos da vida de Christo até á sua entrada em Jerusalem. Em volta do pé, que, como se vê, é custosamente trabalhado, ha varios quadros em relevo representando a paixão de Christo. Os quadros, tambem em relevo, que se vêem á roda do copo, representam os apostolos. No bordo lê-se esta inscripção: SALVTARIS ACIPIAM EN CALYCM.

A preciosa offerta do rei de Portugal foi recebida por Leão XIII com as mais significativas demonstrações de agrado e particular apreço. Foi o sr. Martens Ferrão, ministro portuguez junto do Vaticano, o encarregado especial de apresentar nas mãos do summo pontifice a carta credencial de El-Rei D. Luiz, que acompanhava o calix.

Foi com este calix que Sua Santidade celebrou a missa solemne no dia 1 de janeiro, na basilica de S. Pedro, no que deu a mais eloquente prova do consideração que lhe merecia a dadiva do rei de Portugal.

O calix foi logo exposto no Vaticano onde tem sido muito apreciado.

BARCO DE PESCA, EM AFRICA

O pequeno barco que a nossa gravura representa é extremamente curioso pela sua construc-

ção elementar, que nos recorda epocas primitivas.

Os indigenas chamam a estes barcos *Bimbas*, tirando o nome da madeira com que os construem. Esta madeira, tão leve como a cortiça, cresce nas margens dos rios. Os indigenas aproveitam os seus troncos taes como a natureza os produziu, e ligam-os uns aos outros atando-os com fibras de embondeiro, a que chamam *liconde*, dando-lhes a fórma de canôa, a que bem se póde chamar canastra, pelo modo como é fabricada.

A leveza extraordinaria d'estes pequenos barcos, permitte-lhes o fluctuarem facilmente sobre as aguas, apesar d'estas entrarem livremente dentro d'elles. Esta mesma leveza lhes garante o arrostarem com a furia das ondas, saltando por sobre ellas sem receio de sossobrar.

Estes barcos são principalmente dedicados á pesca, mas tambem se empregam em outros serviços, á falta de bateis que melhores commodidades offereçam.

O indigena com dois pequenos remos ou pás, governa e põe em movimento esta canastra, que entretanto não deixa de ser engenhosa e util para as suas necessidades.

REGINA PACCINI

Nada mais facil de escrever, que a biographia de Regina Paccini, a gloriosa debutante de S. Carlos, a extraordinaria Amina de ha quinze dias: é o mesmo que escrever a biographia de uma alvorada, a historia d'um sol que nasce, de uma flôr que desabrocha.

Regina Paccini tem apenas 17 annos. Fel-os no dia de Reis, exactamente no dia immediato ao do seu triumphal debute, e por ter nascido em dia de Reis é que lhe puzeram o nome de Regina, um bello nome para cantora notavel, para artista adorada, pera diva celebre.

Regina nasceu no dia 6 de janeiro de 1871, n'um terceiro andar d'um predio da rua do Loreto, quasi ao pé da esquina da rua da Emenda, em face da pharmacia Tedeschi, que n'esse tampo era ainda pharmacia Barreto.

No primeiro andar d'esse predio morava uma actriz muito engraçada, muito boa rapariga, que então estava um bocado em evidencia na companhia do Gymnasio, e que hoje dorme de ha muito o grande somno no cemiterio — a pobre Maria Adelaide!

A Maria Adelaide, dava todas as noites, em que não tinha theatro, magnificas reuniões, que tinham um cunho especial de alegria e de boa intimidade artistica, e uma pouca de bohemia, como nunca mais houve em Lisboa, umas festas em que se reuniam actrizes e actores de todos os theatros, rapazes elegantes, jornalistas, litteratos, auctores dramaticos, e em que se dançava, cavaqueava, ceiava, recitava, cantava, tão depressa a mais grave musica meyerbeana, como o mais ligeiro fado corrido, e em que as noites se passavam como que por encanto, e em que o romper do sol parecia succeder immediatamente ao accender dos candieiros.

E graças a essas festas lembra-me perfeitamente do nascimento de Regina Paccini.

N'esse dia, dia de Reis, havia jantar de festa em casa de Maria Adelaide, e eu era um dos convivas.

A sobremesa veiu o Bolo de Reis com a fava mysteriosa, que cahiu ao Augusto Rosa, se bem me lembro, e a criada de Maria Adelaide veiu annunciar-lhe ao ouvido, que a visinha de cima tinha tido o seu bom successo. Maria Adelaide contou aos seus convivas que havia gente nova no predio, que a mulher do Paccini dera á luz uma robusta menina. Essa robusta menina é a Regina Paccini, a *diva* de hoje, a extraordinaria cantora que acaba de se revelar em S. Carlos.

O pae de Regina era o pobre Pietro Giorgio Paccini, esse bom artista italiano, que sabia tanto da sua arte, e que tanto tempo viveu ahi em Lisboa a sonhar fantasias theatraes, a fazer planos de emprezas maravilhosas, e que por fim morreu pobre, cançado, sem nunca ter conseguido realisar o seu ideal.

Filha de italiano e de hespanhola, porque madame Felicia Paccini é uma formosa hespanhola, das hespanholas louras, que são as mais raras e as mais galantes, Regina Paccini recebeu as qualidades caracteristicas d'estas duas raças, a graça, a desenvoltura, o desembaraço da gente de Hespanha, a intuição artistica, a vocação musical da gente d'Italia.

Paccini era director de scena do theatro de S. Carlos, e no theatro passava toda a sua vida de verão e d'inverno, lidando sempre, nunca se dando ferias, sendo um director de scena exemplar, unico, como nunca S. Carlos tornou a ter outro.

A pequena Regina ia para o theatro com seu pae e sua mãe e alli passou toda a sua infancia, a brincar no palco, a andar pelo collo de todos os grandes artistas, a cantar com a sua vozinha pequena as arias e as cavatinas que ouvia cantar ás celebridades. Aos 5 annos, a Regina, quando os ensaios acabavam e ella ficava ainda no theatro, punha-se no palco a cantar com todos os seus *qui-qui-ri-quis*, o rondó da *Lucia*, o rondó da *Somnambula*, e depois curvava-se toda, desfazia-se em agradecimentos aos applausos enthusiasticos, que ella imaginara ouvir, d'um publico que ella fantasiava estar alli defronte, na platéa.

No fim de 12 annos a fantasia tornou-se em realidade.

O publico está lá, ella canta, e elle applaude com um enthusiasmo louco, com o enthusiasmo com que ella sonhava nas suas brincadeiras de creança.

* * *

Paccini morreu.

A pequena Regina deixou de frequentar o palco de S. Carlos. Entretanto continuava a viver em Lisboa e a gente via-a todos os dias por ahi, nos passeios, na Avenida, nos theatros, com sua mãe, com sua irmã, com seu irmão, o Pepe Paccini, um bom rapaz, muito estimado e querido por toda a gente.

E foi crescendo, e tornou-se uma senhorinha muito gentil e galante.

De repente corre a noticia:

— Sabem quem vae debutar em Londres, como cantora!

— Não.

— A Paccini.

— A Paccini? Qual d'ellas?

— A Regina, a mais nova.

— Mas tem voz, a pequena?

— Uma voz maravilhosa, dizem.

— Mas é uma creança, ainda.

— Sim, mas tem um talento extraordinario, ouvi dizer.

E o boato era certo.

D'ali a dias os jornaes noticiavam que tinha partido para Londres, onde ia debutar no Convent-Garden, Regina Paccini.

Foi, veiu, e não debutou.

Então a má lingua indigena apanhou um regabofe.

— Não debutou, explicava a má lingua, nadando em alegria, não debutou, porque o emprezario ouviu-a cantar n'um ensaio e pôl-a logo com dono, não quiz que lhe fizessem o theatro em fanicos.

Uns acreditaram no que dizia a má lingua, outros não acreditaram, mas não se deram ao incommodo de averiguar porque a Regina não tinha debutado, e a questão Paccini ficou arrumada e ninguem mais fallou n'isso.

* * *

Chegou a epocha de S. Carlos. O theatro abriu e a dama ligeira, a Emma Nevada, teve um successo enorme.

A *Somnambula*, a *Lucia*, cantadas por ella, eram uma maravilha, e o seu successo foi tão grande que até fez mal á Patti, e que a Patti foi pateada na *Dinorah* na valsa da sombra, porque o publico tinha ouvido quinze noites antes essa valsa cantada pela Nevada.

Pois exactamente quando no palco de S. Carlos canta a Patti, e ha as recordações recentissimas e gloriosas da Nevada, annuncia-se que vae cantar um dos melhores papeis d'essa Nevada, uma debutante, a tal Paccini, que o emprezario do Convent-Garden não deixára debutar.

A ousadia do commettimento surprehendeu toda a gente.

— Hade ser bom!

— A pequena enganou-se no theatro, tomou S. Carlos por Taborda!

— Temos tourada para curiosos.

De repente estes dichotes começaram a ser contrabalançados pela opinião d'algumas pessoas que ouviram a Regina.

— O Mancinelli ouviu-a e gostou muito, dizia-se.

— O Machadinho, o maestro, acha-a extraordinaria.

— O Jayme Batalha Reis, disse-me que é um prodigio.

E assim se começaram a estabelecer duas correntes.

Finalmente chegou a noite decisiva.

Regina cantou a *Somnambula*, e o publico surprehendido, maravilhado, enlevado, fez-lhe uma ovação colossal, como nunca fizera a nenhum debutante.

É que effectivamente nenhuma debutante, nem mesmo as mais gloriosas, começou assim, por onde muitas não acabam, e se Regina Paccini na noite da sua estreia, teve, não os applausos de incitamento que se dão a uma debutante, mas sim as acclamações enthusiasticas com que se saudam as grandes artistas, é que ella cantou não como uma debutante que dá esperanças, mas realmente coma uma grande artista, que dá já realidades encantadoras.

E aos 17 annos, Regina Paccini tem a gloria de não ser uma menina prodigio, mas sim uma artista prodigiosa.

E nós lembrando-nos do seu dia do nascimento, nós que a conhecemos de pequenina, que a vimos crescer, damos-lhe os parabens enthusiasticos e sinceros pelo seu exito brilhante com o qual nos sentimos feliz... e velho.

Gervasio Lobato.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

DO PORTO A SALAMANCA

Estão finalmente ligadas as nossas provincias do norte com o resto da Europa, por meio de uma linha ferrea directa, que encurta consideravelmente o caminho, entre o Porto, aquelle centro de producção e actividade que tão cioso é, e com razão, das suas prerogativas e tão propugnador se conserva de todos os seus melhoramentos moraes e materiaes, e os demais paizes, sem percorrer na sua extensão de mais de 350 kilometros o nosso, sem passar pelas fronteiras da Estremadura, nem pelas da Galliza, nem, finalmente, pelo centro da Hespanha.

A linha do Porto a Salamanca foi aberta á exploração em 8 de Dezembro ultimo, dia de Nossa Senhora da Conceição.

Que esta bondosa Padroeira do Reino o seja tambem da nova via ferrea, para que ella produza para o nosso paiz os seus beneficos effeitos, é o que desejamos, já que tantos sacrificios nos custou aquella obra, que o espirito teimosamente emprehendedor das nossas provincias do norte quiz fazer em terreno visinho.

Porque é uma teima, um costumesinho que nós temos, e que o proverbio «metter a foice em ceara alheia» não nos castiga:

Fazer obras na casa dos visinhos.

Que importa que nos faltem cá na sala, ou na cosinha, os moveis ou os utensilios indispensaveis? O que tem que a nossa agricultura não tenha estradas para levar os seus productos aos mercados; que a nossa industria textil viva ali na Covilhã entre rochedos, á espera que a linha da Beira Baixa lhe vá abrir passagem aos seus artefactos; que para ir ao Algarve seja necessario passar mais inclemencias do que para atravessar a Africa; que Bragança se conserve na dependencia do archaico churrião se quer vir ao Porto?

Isso tudo são superfluidades que bem escusamos; do que nós necessitamos é de muitas linhas internacionaes, muitas ligações com os paizes cultos, para não irmos lá, e ao mesmo tempo, tambem, muitas exigencias de passaportes, quarentenas e outras prescripções impostas aos passageiros... para que elles tambem cá não venham.

Tirado de ser isto, cada provincia tem a sua ligação com o reino visinho por uma via accelerada; pode-se atravessar a fronteira em caminhos de ferro por 5 pontos differentes; é o necessario.

Para isso não nos poupámos a despezas nem a fadigas e lá vamos atraz do pennacho do fumo da machina, por essas terras fóra, tendo que deixar na fronteira as mallas, para verificação da alfandega hespanhola, graças á hypothetica lei de transito do paiz visinho.

E não foram pequenos os sacrificios que nos custou esta nova rede.

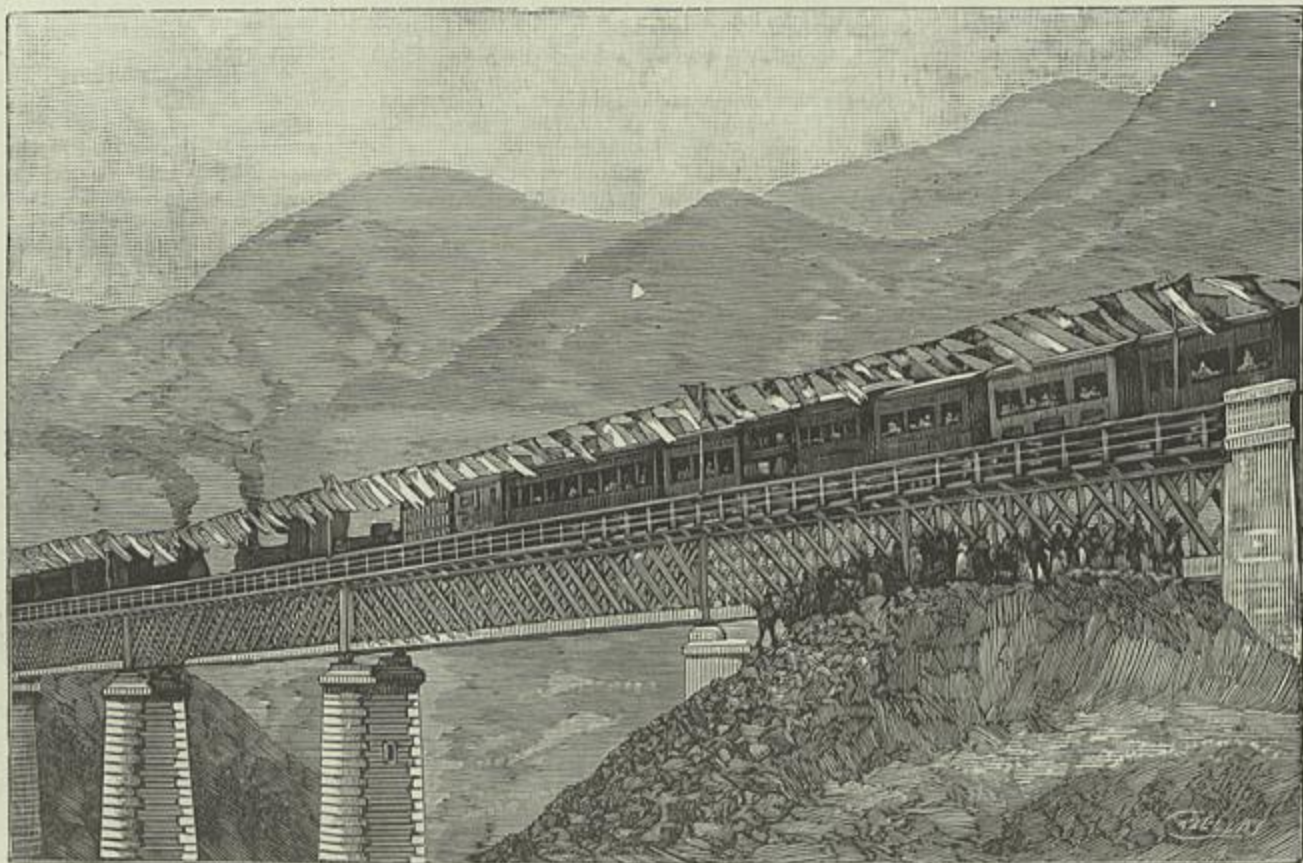
Resumil-as-hemos em poucas palavras:

Não estando a Hespanha resolvida a construir estas linhas, foi mister que os principaes bancos

REAL THEATRO DE S. CARLOS

REGINA PACCINI

(Segundo uma photographia de Camacho)

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

INAUGURAÇÃO DA PONTE INTERNACIONAL DO RIO AGUEDA — NO CAMINHO DE FERRO DO PORTO A SALAMANCA EM 8 DE DEZEMBRO DE 1887

(Segundo uma photographia)

e banqueiros do Porto se reunissem n'um syndicato para esse fim.

Mas para levantar capitaes, obstando a que a enorme somma necessaria para a construcção fosse retirada da circulação d'aquella praça, o governo teve que garantir um juro ao que fosse empregado, garantia com a qual o syndicato levantou um emprestimo de 4500 contos no Comptoir d'Escompte.

Este emprestimo, porém, foi repetidas vezes tendentes a exhonerar o syndicato portuense dos seus encargos.

Ha mais ainda:

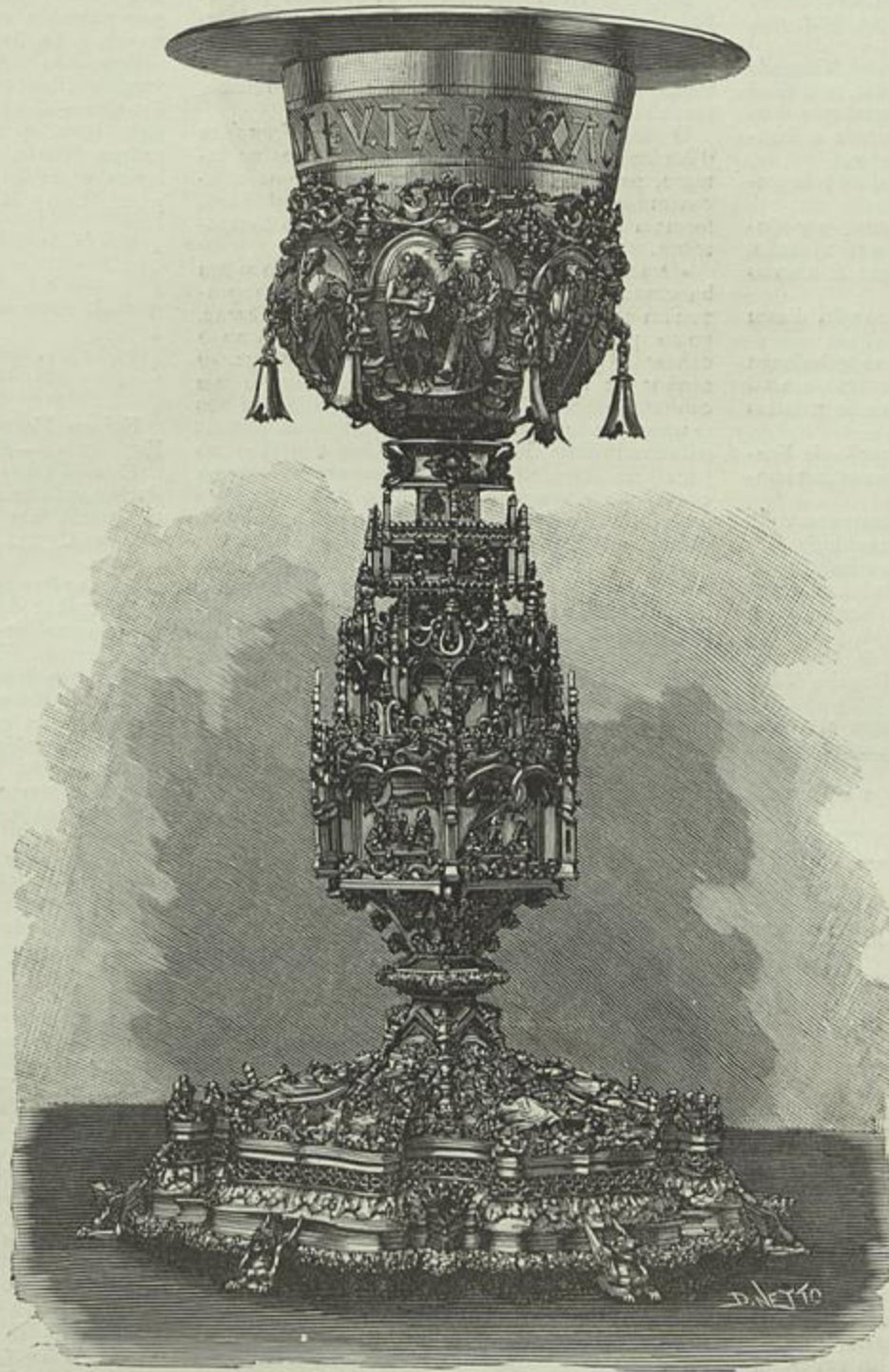
A ponte internacional sobre o qual os comboios *se beijaram*, segundo a phrase consagrada a esse acto, foi tambem construida pelo nosso paiz, isto é, pelo Estado, independentemente do syndicato.

Caro beijo aquelle, ou caro thalamo em qne elle se deu.

engatado o hespanhol, para a estação de Barca d'Alva, onde foi servido aos convidados um almoço de 100 talheres.

Á 1 hora da tarde os excursionistas pozeram-se a caminho tendo-se reunido os dois comboios de inauguração, em um só que, r ebocado pelas duas machinas, transpoz a ponte internacional, avançando rapidamente pela Hespanha dentro.

A secção d'esta linha entre a fronteira e a primeira estação, Frejeneda, é de feio aspecto,

JUBILEU DE LEÃO XIII

CALIX OFFERECIDO POR SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ A SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII

EXECUTADO NAS OFFICINAS DOS SRS. LEITÃO & IRMÃO

(Segundo uma photographia de Rocchini)

prorogado no seu praso de liquidação, até que, ha poucos mezes, o tomador o denunciou, vendo-se de novo os bancos portuenses a braços com a difficuldade de dispenderem tão enorme somma que forçosamente iria affectar as suas transacções ordinarias.

Mais uma vez o governo teve que intervir, pondo á disposição do syndicato importantes quantias, para a liquidação d'aquelle credito, e não virá longe o dia em que esta negociação venha a publico nos seus detalhes geralmente desconhecidos hoje, porque, ao que se affirma, o governo vae propôr ás camaras providencias

É essa cerimonia que a nossa gravura hoje representa.

A ponte estava vistosamente embandeirada com os pavilhões das duas nações.

Os dois comboios, o portuguez que ás 4 horas e tres quartos da manhã partira do Porto, e o hespanhol que sahira de Salamanca ás 7, chegaram ás 11 horas e meia á ponte internacional, parando respeitosamente junto dos encontros, e avançando depois até o centro da ponte, onde os cabeçotes das duas machinas se tocaram entre vivas acclamações.

Então o comboio portuguez recuou, trazendo

apenas interessante pelo grande numero de obras de arte na construcção da via ferrea.

Estas, porém, são muito importantes como passamos a descrever.

Logo em seguida á ponte internacional passa-se o tunnel *del Muelle*, de 225 metros; depois outro de 40 metros, seguindo o viaduto de *las Almas* de 132 metros com a cota de 25 metros.

Adiante d'este cerca de dois kilometros temos os tunneis *del Gazaro*, 69 metros e de *los Riscos*, de 192 metros, á sahida do qual nos achamos sobre o viaducto d'este ultimo nome que

passa n'uma extensão de 70 metros, a 32 metros do fundo do valle.

Avista-se logo o tunnel de *la Parrera* de 321 metros á profundidade de 54 metros e pouco depois o viaducto de *los Pollos* que tem 134 metros de extensão, os 2 tunneis de *la Barca* o primeiro de 38 metros e o segundo de 128, o do *Lugar* de 110 metros e o viaducto do mesmo nome de 139 metros que é o mais alto da linha, tendo a cota de 60 metros sobre o valle.

Como uma cadeia ininterrupta continuam os tunneis, o de *Llanos* de 148 metros, *Cegadiña*, 94 metros, mais tres de 57, 52 e 40 metros, o de *Poyo Valicute* de 349, o de *las Bellezas* de 35.

Mal respiramos sobre o viaducto del *Poyo Rubio*, de 132 metros, temos logo que entrar em novo tunnel, o do mesmo nome, pequeno, de 70 metros.

Depois ainda o viaducto e tunnel *del Morgado* de 104 e 409 metros respectivamente, e a final ainda outro de 30 metros com o qual nos despedimos do valle do Agueda que desde a fronteira seguiamos nas suas tortuosidades.

Dois kilometros depois as obras d'arte despedem-se pelo seu bouquet final.

É o grande tunnel de *la Carretera* por debaixo da estrada de Salamanca a Frejeneda, obra que mede 1.560 metros e que é a mais importante da linha.

Tem um episodio triste a construcção d'este tunnel.

Em 15 de junho de 1885 quando se trabalhava na perfuração, a agua da chuva penetrou em tal quantidade pelos poços que inundou as galerias matando 29 operarios.

Sahido o tunnel já se avista a estação de Frejeneda que é a que serve de estação internacional hespanhola.

Passado este ponto a aridez do estreito valle do Agueda é substituida pela amenidade dos campos cultivados pelos largos horisontes de montanhas, assim como as difficuldades de construcção da linha desappareceram seguindo o comboio por um caminho em rampa, para chegar a Boadilla tendo passado as de Hinojosa, Lumbrales, Olmedo y Cerralvo, Bogajo, Villaviega, Villares de Yeltes e Boada.

Da parte portugueza entre a ponte e a estação de Tua occupar-nos-hemos brevemente.

L. de Mendonça e Costa.

OS IRMÃOS ANDRADES

III

(Concluido do numero antecedente)

Agora Francisco d'Andrade, o famoso barytono.

Como já dissemos, Francisco d'Andrade debutou em San Remo na noite de 22 de Dezembro de 1882.

De San Remo, o illustre artista portuguez passou a Roma, onde fez os seus segundos debutes, cantando com o Tamagno, e alcançando ruidosos applausos.

Depois, Francisco d'Andrade veio passar um tempo a Lisboa, e d'aqui partiu a continuar a sua já brilhante carreira, para Carrara.

Em Carrara teve um enorme *successo*; na noite da sua festa artistica foi levado a casa em triumpho.

O mesmo *successo* o acompanhou de Carrara a Cesena, onde na noite da sua despedida triplicaram os preços dos logares do theatro.

D'ali Francisco d'Andrade passou a Milão, indo no theatro dal Verme, substituir o barytono Pantaleoni, no *Rigoletto*.

Nós que já vimos o que é Francisco d'Andrade no *Rigoletto*, comprehendemos perfeitamente o *successo* enorme que elle alcançaria.

O publico acolheu esse *Rigoletto* extraordinario com ovações enthusiasticas; a opera cantou-se doze vezes a fio, e o dr. Filippi, um dos mais notaveis criticos musicaes da Italia, escreveu a respeito do famoso cantor portuguez.

«Reproduziu o personagem com um talento de comediante, que não estamos habituados a encontrar nas scenas lyricas.

«Alternadamente meigo e terrivel, sempre pathetico, fez valer tudo quanto este papel reune de bello e de sublime. Não exagerando physicamente o lado grotesco, deu ao pobre bobo do rei, a verdadeira physionomia.

«O futuro d'este artista está de per si accentuado».

E não se enganou o illustre critico italiano.

O logar brilhante e proeminente que Francisco d'Andrade occupa no mundo musical contemporaneo ahi está a provar a verdade da prophecia.

Em 1884 esteve Francisco d'Andrade em Aix les Bains, com seu irmão Antonio como já dissemos: depois vieram os dois juntos a Portugal, cantaram no Porto com a Sembrich, partiram para Moscow, onde, como já narramos, tiveram ovações sobre ovações.

De Moscow, emquanto Antonio d'Andrade partia para Turim, Francisco partia para Londres, e a sua estação no Covent-Garden, é um dos triumphos mais brilhantes da sua carreira.

Elle e a Theodorini foram as estrellas da epocha lyrica de 1886 em Londres, e temos aqui defronte dos olhos os jornaes inglezes que fallam de Francisco d'Andrade, chamando-lhe barytono russo, nacionalidade contra que elle protestou, fazendo constar que era portuguez.

O *Standart*, por exemplo, diz de Francisco d'Andrade o seguinte, que transcrevemos na integra, para que se saiba a opinião que os criticos musicaes inglezes, dos mais serios e difficeis, formam do illustre cantor, nosso glorioso compatriota.

«O senhor de Andrade é segundo julgamos um barytono russo. A sua voz e o seu estylo approximam-se muito da voz e do estylo de Reszké, posto que nos sintamos dispostos a dar ao novo cantor a proeminencia sobre o seu collega. O senhor de Andrade é um actor de raça e um cantor perfeito. Teremos que retrogradar até aos tempos em que Ronconi electrisava as platéas pelas manifestações do seu poder e paixão no papel de *Rigoletto*, para encontrarmos alguma cousa que possa considerar-se o equivalente do senhor de Andrade, — a não fazermos uma excepção para Rondil que cantou o *Rigoletto* em Londres não ha muitos annos. Não entraremos em promenores ácerca do modo como o senhor de Andrade representou o seu papel: basta dizer que elle foi de um *acabado* completo, completamente dramatico, cheio de habil expressão do principio ao fim da opera. O publico poz o artista á sua vontade applaudindo-o desde o principio e acompanhou os seus esforços com um fogo de continuo applauso até que o panno desceu pela ultima vez.»

O opinião do *Daily News* é:

«No papel de *Rigoletto* o sr. de Andrade ganhou um decidido *successo*. A sua voz é de barytono ligeiro de sympathica qualidade, tendo um bom estylo cantabile sem as vibrações tremidas que são tão desagradaveis n'outros. Cantou toda a musica da sua parte em estylo completamente artistico e foi particularmente notavel na grande scena do palacio do Duque. N'este ponto a fingida frivolidade e a paixão disfarçada de *Rigoletto* quando este se dirige aos cortezãos zombeteiros em busca de sua filha, foi expressa com todo o effeito e sem a menor exaggeração. O duetto seguinte com Gilda foi excellentemente cantado pelos dois artistas. Cada um d'elles teve n'esta parte um merecido *successo*.»

Do *Daily Telegraph*: «O novo barytono senhor de Andrade executou o *Rigoletto* com decidido *successo*. Pertence a uma boa escola vocal e faz excellente uso de uma voz de timbre sympathico e de grande extensão. O seu canto prova-nos que elle é um artista em muito mais que no simples sentido technico. Dar expressão natural e ao mesmo tempo variada ao que canta parece ser-lhe facil, tendo o poder de transmittir aos outros as suas proprias emoções. Sem esta ultima condição um cantor de opera tem pouco valor. O mero simulacro da emoção não basta e nunca consegue passar para áquem das luzes do proscenio.

«O sr. de Andrade a quem damos as boas vindas ao theatro italiano de Londres não pode deixar de fazer um bom serviço durante toda esta estação».

Do *Globe*. «Sr. d'Andrade, joven barytono russo, que tem em muito pouco tempo de carreira conquistado grande reputação nos theatros do continente, teve um *debute* inteiramente bem succedido como vocalista e como actor.

É dotado d'uma voz sympathica e opulenta, que foi perfeitamente educada, e que se apresenta sem o *tremolo* tão vulgar n'outros cantores. Não havia ainda terminado o primeiro acto e já o sr. d'Andrade havia conquistado o favor do publico inteiro, que d'ali por diante augmentou sempre. Uma mais bella realisação do *Rigoletto*, — sobretudo pelo que respeita a poder dramatico, — raras vezes terá sido presenceada; e a maneira de representar do sr. d'Andrade, não menos que o seu delicioso canto, mereceu os enthusiasticos applausos que recompensaram os seus esforços.»

*
* *

Foi n'esta opera — o *Rigoletto* — que Francisco d'Andrade debutou em Lisboa.

O *successo* da primeira noite foi colossal.

O publico admirado e surprehendido por aquelle desempenho excepcional, que não esperava apesar de todo o bem que tinha ouvido dizer de Francisco d'Andrade, o publico fez-lhe uma ovação enorme.

E depois cada opera nova que Francisco d'Andrade canta, é nova ovação para elle, porque é um novo prodigio de arte e de talento, como por exemplo o velho da *Linda*, o Hoel da *Dinorah*, o D. Sallusio, o Figaro.

Francisco d'Andrade — e o publico já se convenceu d'isso, apesar de Andrade ser portuguez — Francisco d'Andrade é muito mais que um artista bom, é um artista notavel, é um artista extraordinario, d'esses que são raros no mundo lyrico e de que se citam os nomes em toda a parte, como Maurel, Cotogni, Faure e Ronconi.

Gervasio Lobato.

O THEATRO ESPAÑOL [1]

Fui ao *Teatro español* ouvir um proverbio de Eschegaray — *Piensa mal y acertarás*.

É o *Teatro español* o primeiro theatro de declamação de Madrid, e pretende exercer na arte dramatica em Hespanha a influencia eminente que a *Comedie française* de Paris exerce em França.

Eschegaray que creio ser conhecido em Lisboa pelas traducções d'algumas obras que nos nossos theatros se representaram, entre as quaes figura com certeza *Loucura y Santidad*, é considerado o primeiro dramaturgo moderno da Hespanha.

Eu nunca ouvira, nem léra obra alguma escripta por este conspicuo castelhano, e a fama do seu nome chegara-me aos ouvidos engrinaldada pelos elogios. Entrei, pois, no theatro sem conhecer realmente o auctor, mas, se alguma preoccupação eu tinha, era-lhe mais favoravel que contraria.

Para avaliar o estado da litteratura dramatica d'um povo, não basta lêr as obras dos dramaturgos, é necessario ouvir os actores representa-las, e ainda ver e ouvir os espectadores que as escutam, porque são estes que fazem o theatro d'uma nação, mais ainda que os escriptores dramaticos d'ella, pois que actores e espectadores são os que os orientam e estimulam. Pode um grande auctor tratar em bonissimos versos, ou em prosa ainda melhor, um assumpto dramatico qualquer, e realisar uma verdadeira creação artistica, que, se o actor não der a cada palavra do seu papel a verdadeira intenção e influxões, movimento e vitalidade competente, da obra do poeta não restará mais para o publico que uma serie de palavras, que, n'um dizer secco e sem vibração, pallida e friamente dará a idéa d'essa obra, e sem que tenha por um momento feito viver o espectador do pensamento e do sentir do presonagem representado. E tambem, se o publico pelo seu caracter e estado intellectual é incapaz de se identificar com o modo de sentir e de pensar d'essas figuras criadas pelo poeta e magistralmente reveladas pelo artista, a obra scenica, mesmo perfeita na palavra e na representação, florirá um momento, sem ser vista, nem comprehendida.

Observemos, pois, conjunctamente, a sala e o

[1] O magnifico estudo, com que brindamos o leitor, é extrahido do novo livro de Coelho de Carvalho intitulado *Viagens*, que brevemente apparecerá a publico, editado pelo sr. A. M. Pereira. Este capitulo, excerptado ao acaso, é uma amostra brilhante do volume de bella prosa, com que o primoroso e delicado poeta das *Hervas* — os versos da mocidade, que ahi andam n'um delicioso *recueil* — vem demonstrar vigorosamente as qualidades relevantes do seu temperamento d'escriptor. A originalidade das observações, as notas humoristicas que equilibram amavelmente as severas notas philosophicas, as simples impressões colhidas de passagem, as investigações criticas, os conceitos e os pontos de vista mais ou menos paradoxaes, uma ou outra evocação historica, os pedaços de paizagem, os episodios — vividos, os remoques satyricos sobre costumes e typos, e, de vez em quando, um pouco de fantasia, alliadamente com a attrahencia artistica da fórma, dão um grande interesse e um grande valor ao livro que tem o titulo modesto de — *Viagens*, e que abre com uma descripção do castello de Almorol em terra portugueza, trata larga e demoradamente da Hespanha, descreve o carnaval em Nice, terminando por fallar do libertino paraizo florescente de Monaco, onde a roléta medra.

R.

palco. A sala do *Teatro Español* é pequena, escura e tem frisas baixas como o nosso Gymnasio.

N'um camarote de boca, á direita do espectador, está a familia real, a rainha e as duas infantas, D. Eulalia e D. Paz recentemente casada com o principe da Baviera, e atraz d'ellas, de pé, el-rei D. Affonso e o principe bavaro como quaesquer cavalheiros, que acompanham ao theatro as senhoras da sua familia. Nenhum apparato official, nem pompa ridicula de idolos tyranicos. A familia real no theatro não está presidindo ao conselho de estado, nem em recepções da côrte; é uma simples familia particular, que se vem divertir, passando ali a noite, e que se distingue das outras porque a colcha, que cobre as grades de ferro do seu camarote, tem as armas de Leão e Castella bordadas a velho oiro em damasco de seda vermelha.

O rei é um rapaz alegre, magro e esbelto; lembra com a sua barba castanha talhada á allemã, com o seu ar estouvado e com a sua calva precoce, um caixeiro viajante que vae pelo mundo com amostras de vinho, pensando n'uma vaga sensualidade em aventuras de mulheres, que lhe poderão proporcionar os seus grandes olhos ternos na doce e phantasiosa prodigalidade do champagne de prova. Decididamente os Bourbons acabam; esta velha raça de heroes e de monarchas perde o seu grande ar tradicional, e a este dá vontade de o tratar por *tu* e de lhe dizer: *baya Alfonso, que bellaco es!*

As infantas são feias, d'essa fealdade banal em que se moldou n'ellas a mascara violenta e masculina, que a lei da hereditariedade afivelou nos rostos das mulheres da casa Bourbon.

A rainha já a viramos no Prado.

Nos outros camarotes e na platea, cujas *butacas* são estofadas de tecido de lã côr de purpura, vêem-se de ambos os sexos os typos madrilenos já conhecidos.

No palco, cujo panno se erguera, abrindo um salão de casa burgueza, duas mulheres e um homem conversavam. E conversavam mal. Cada uma das figuras por sua vez declamava, dirigindo-se ás outras duas, uma longa tirada, vendo-se que estas ao ouvil-a esperavam inquieta e anciosamente alguma cousa. Seria uma palavra, uma idéa, uma revelação interessante? Não; viu-se por fim, pela precipitação com que cada uma d'ellas atacou a sua parte, que o que esperavam era a deixa.

Assim corria o dialogo, cheio de flores vermelhas de rethorica dramatica, e de flores brancas de assucarados lyrismos, doce e espesso como uma chavena de chocolate, quando, de repente, uma das figuras, não me lembro qual, fallou da vida, e logo com gestos abundantes e representativos, abrindo e fechando os olhos, se lançou n'uma descripção complicada, comparando a vida, não me recordo, se a um navio, se ás ondas alterosas, que se quebram nos rochedos, se aos sapatos que com o uso se alargam, se cambam e terminam por se romper; o que tenho, porém, bem presente é que, á medida que a descripção se ia completando, a attenção dos espectadores se mostrava mais interessada. Os olhos brilhavam com mais fulgor, até que por fim, antes ainda da ultima palavra do actor, irromperam n'uma explosão de brados unanimes:—*Oh la bella imagine!*

Acabára esta scena e começára outra. O mesmo chocolate espesso, ora correndo silencioso, ora cahindo d'alto, chiando nas chicaras; ás vezes, era bebida com lagrimas soluçadas e gestos de desesperada lucta, que os actores diziam que lhes ia no coração. E a proposito de coração nova metaphore, descripção enredada e brilhante d'uma imagem qualquer, espectadores prezos e attonitos, enthusiasticos applausos. E assim continuou a succeder a cada nova scena até ao fim do acto.

O publico no seu enthusiasmo exigiu o auctor, e este appareceu. De todas as figuras de rethorica, e sem ser de rethorica, que até ali se haviam apresentado, esta era na verdade a mais reles em roupagens e em aspecto physico. Com o seu ar myope, com o seu pouco cabello repassado, com a sua pera fina e rara, com o seu estreito peito envolvido n'uma modesta caçadeira cinzenta, o sr. Eschegaray era verdadeiramente deploravel. Deu-me vontade de gritar essa imagem não: recolham-n'a!

No entanto o publico applaudia.

Cahiu o panno por fim; uma grande parte dos espectadores sahiu para o peristilo; e eu fui tambem para passear por entre elles e ouvir-lhes a critica da peça feita nas impressões, que uns aos outros communicassem. Accendi um charuto e esperei.

—*Entonces que metaphora, la del corazon!?*

—*Si hombre, pero la del buque, la tengo yo por mejor.*

—*Gran poeta, Pepe! en este acto el señor Eschegaray presentó siete imagines.*

—*Tantas, cómo esso?*

—*Yo me gusta mas de la metaphora del roble cobierto de flores!*

E trechos de dialogos, de apreciações identicas, se trocaram entre homens, cujos nervos ainda estavam vibrantes do movimento, da vida e das palavras da scena. Uma unica cousa os commovera—a metaphora.

Voltemos á salla. Levantou-se o panno; continuou a peça. O mesmo processo; dialogo egualmente declamado; as imagens, os trópos, as comparações longas e complicadas, produzindo os mesmos effeitos na platea.

O publico, quando não havia metaphora em declamação, conversava; lia *La Correspondencia de España* ou *El Imparcial*; um ou outro espectador consultava a lista da loteria. Nos intervallos fallava se da belleza das imagens, ou faziam-se combinações segredadas de batota e de café para depois do espectaculo. Nos camarotes as mulheres dormitavam, conversavam, comiam doces, e limpavam as lagrimas, todas as vezes que a sua sensibilidade facil era provocada pelas terriveis imagens, annunciadas no palco por aquelle que pensava mal, e cujos vaticinios sinistros o sr. Eschegaray confirmou com o desfecho da peça.

Eu estava vexado. Que publico e que actores e que proverbio!

Será este o estado do theatro em Hespanha, ou sómente a representação d'uma má comedia?

É o estado do theatro em Hespanha, porque a comedia que é má, segundo o ponto de vista da arte, como peça litteraria e como obra philosophica, é comtudo excellente para o publico a que foi destinada e que a applaudiu; e de certo a não comprehenderia, nem acclamaria o seu auctor, que considera o melhor dramaturgo hespanhol, se o proverbio «*Piensa mal y acertarás*» tivesse as qualidades contrarias aos defeitos, que o maculam aos olhos da critica moderna.

E supportaria o publico essa comedia, se a litteratura dramatica moderna fosse em Hespanha, o que é em França, na Italia e como já em Portugal se considera, um conselho, um exemplo, um criterio pelos costumes que estuda, pelos typos que analysa, pelos sentimentos, ideias e instituições que representa e critica?!

Interessado o espectador no estudo dos caracteres e dos factos moraes e materiaes que resultariam do seu encontro em dadas circumstancias da vida, correria a attenção d'elle atraz da metaphora scintillante como atraz d'uma borboleta? Não decerto.

O theatro é uma obra de critica, e na critica a imagem é um meio primitivo e incompleto. Só nas sociedades, cuja intellectualidade inferior não lhes permitte synthetisar n'uma ideia abstracta os phenomenos, que se lhes representam, é que a imagem occupa o primeiro logar na litteratura. Toda a escriptura das raças primitivas é symbolica; não ha linguagem fallada mais cheia de comparações lyricas que a das tribus selvagens da America.

Com o desenvolvimento das sociedades as imagens vão-se dissipando nos espiritos, que começam a encher-se de ideias. Nas epochas, porém, de decadencia das litteraturas, dá-se muitas vezes o phenomeno da fascinação da imagem, quando se perdeu a tradicção das formas e das ideias da idade anterior, e se não entrou ainda na comprehensão dos novos processos artisticos e das novas ideias philosophicas. A imagem e a metaphora são bem vindas, então sempre; e o auctor, enleiado e perdido, paira nos ares n'esses iriados balões phantasticos; e o espectador, deslumbrada a vista, repouza o cerebro preguiçoso, comprehendendo sem o trabalho fatigante de formar consciente e logicamente uma opinião, para cuja elaboração lhe faltam ainda elementos positivos. Estas são nas litteraturas as epochas rethoricas.

Todas as sociedades teem passado por ellas. A litteratura portugueza sahiu ha pouco d'esse estado com Eça de Queiroz e Bento Moreno no romance, com Gonsalves Crespo e Cesario Verde na poesia, com Theophilo Braga e Oliveira Martins na historia e na philosophia, com Ramalho Ortigão na critica; e no theatro—o publico vai sahindo com as traducções de Sardou e de Dumas filho, que os actores Rosas e a actriz Roza Damasceno, educados no nosso moderno meio litterario, vão mais ou menos conscientemente desempenhando.

A Hespanha, porem, vive litterariamente ainda em plena epocha rhetorica. Rhetoricos são os seus historiadores, os seus professores, os seus sabios, os seus poetas, os seus criticos—Castellar, Menendez Pelayo, Eschegaray, Grillo, Nuñes d'Arce, Palacio... Será, pois, possivel á litteratura castelhana libertar-se d'esse caracter rhetorico e emphatico, mixto das reminiscencias da abundancia oriental na forma e da vaga metaphysica sensualista na ideia?

É essa uma questão de transcendente importancia, que demandaria um largo trabalho de critica e de historia, que nem cabe nas ligeiras paginas d'estas cartas de viagem, nem, se eu o quizesse fazer, poderia talvez levar a cabo.

Entretanto, estudando-se na historia da litteratura hespanhola que especie de influencia tem exercido n'ella as differentes revoluções litterarias e philosophicas, por que o pensamento e a arte tem passado na Europa, desde a Renascença até hoje, comparando-se as obras dos seus escriptores mais notaveis de cada epocha com as dos auctores estrangeiros contemporaneos, poder-se-ha de certo chegar a assentar um juizo seguro em tão momentoso assumpto.

Ha em todas as manifestações artisticas d'um povo um elemento, que lhes determina o caracter, é o caracter d'esse povo, que, mesmo quando o ideal philosophico seja o mesmo que dos outros, dá ás obras d'arte a sua feição particular, uma especie de nacionalisação que é afinal em que consiste a verdadeira originalidade das litteraturas; porque não são estas que determinam os differentes estados sociaes, mas sim a complexidade de costumes e de tradições constitutivas d'uma raça, que engendra uma certa communhão de idéas e de sentimentos, que se traduzem nas fórmas correspondentes da arte.

A Renascença, por exemplo, o pensamento christão revestido das antigas fórmas gregas, deu o mesmo espirito ás litteraturas de Italia, de Portugal e da França; mas o genio proprio de cada uma d'estas nações deu ás suas obras o caracter particular.

(Continua.) *Coelho de Carvalho.*

RESENHA NOTICIOSA

Duas Estatuas. O sr. dr. Francisco Eduardo de Barahona Fragoso, opulento proprietario no Alemtejo, encommendou duas estatuas aos esculptores srs. Simões d'Almeida e Alberto Nunes para decorar o seu palacio, em Evora. Este mesmo cavalheiro tem adquirido varios quadros de artistas portuguezes, como já tivemos occasião de noticiar, n'esta secção.

Um Brinde Imperial. A imperatriz da Allemanha offereceu á sr.ª marqueza de Penafiel, esposa do sr. marquez de Penafiel ministro portuguez em Berlim, por occasião da festa do Anno Bom, um retrato seu e outro do imperador Guilherme com uma dedicatoria autographa, emmoldurados em ricas molduras.

Academia Real das Sciencias. São concorrentes ao premio D. Luiz, que deve ser conferido este anno, os srs. Antonio Rodrigues Bragas, Luiz Augusto Teixeira de Aragão, Gomes Teixeira, José Manoel Rodrigues e Schiappa Monteiro, que apresentaram trabalhos de mathematicas; e Guilherme Ennes e Cunha Belem, que apresentaram o seu trabalho sobre *Lazaretos.*

Historia do Infante D. Duarte. O sr. Ramos Coelho requereu á Academia Real das Sciencias para que esta mande imprimir a *Historia do Infante D. Duarte*, em que trabalha ha bastante tempo, e para a qual encontrou documentos ineditos, em Portugal e na Italia, que lhes forneceram a mais solida base para esta historia. É de esperar que a Academia resolva favoravelmente a pertenção do sr. Ramos Coelho, cuja seriedade e importancia dos seus trabalhos litterarios são uma garantia segura da veracidade da *Historia do Infante D. Duarte.*

Jubileu de Leão XIII. As principaes offertas feitas pela archidiocese de Braga a S. S. Leão XIII são as seguintes: Pelo clero bracarense, um primoroso pluvial com estola, tecido de seda e ouro, executado na fabrica do sr. Vasconcellos d'aquella cidade; pelas damas bracarenses, uma casula, estola e manipulo de finissima seda e ouro, producto da fabrica do sr. José Joaquim de Oliveira, de Braga; pelas directoras do Col-

legio de S. José de Villa do Conde, um amito de fino linho, bordado a primor, representando Christo na Barca com os seus discipulos, e um ramo de flores de cera, tudo executado no referido collegio; pelas ex.mas sr.as D. Rita Barbosa e D. Francisca Machado, uma riquissima estola de lhama de prata bordada a ouro e perolas, executada por uma filha do sr. Mello, ourives de Braga, um magnifico veu de setim branco bordado a ouro, um album encadernado em veludo com ornatos de prata, contendo as communhões, preces e votos offerecidos pela libertação do Papa, e os nomes das offerentes; pela ex.ma sr.a D. Maria Rosa d'Amaral Ferreira e sua irmã de Guimarães, umas galhetas de prata primorosamente trabalhadas; pela ex.ma sr.a D. Maria Joaquina de Mello Cardoso, um calix, patena e colherinha de prata; pela ex.ma sr.a D. Custodia Margarida Peixoto Mattos Chaves e suas filhas, um pyxide de prata; pelas ex.mas sr.as D. Maria do Amaral Ferreira, condessa de Margaride, baroneza de Pombeiro e D. Maria de Queiroz Montenegro, um rico turibulo e naveta de prata, e uma tassa de crystal com flores artificiaes, obra de fino gosto e arte.

Augusto Maquet. Falleceu na sua casa de Saint Mesme de Seine-et-Oise, o celebre romancista Augusto Maquet, que nascera em Paris a 13 de setembro de 1813. Maquet collaborou assiduamente com Alexandre Dumas, nos seus melhores romances até 1851, em que uma questão litteraria levantada por Eugenio de Merecourt, que chamou a Alexandre Dumas, *fabrica de romances de Alexandre Dumas & C.a*, pôz termo áquella sociedade litteraria, depois de ter sido ouvida a *Sociedade dos Homens de Letras*, que deu razão a Alexandre Dumas. Apesar de Maquet ter trabalhado tanto tempo na sombra, o seu nome tornou-se conhecido em todo o mundo que lê, e a fama dos seus romances vive ainda.

Remedio contra o Phyloxera. O sr. Cyrillo Rosa, residente em Villa Franca de Xira, experimentou com bom resultado um remedio contra o phyloxera, e que consiste em uma tisana de folhas de eucalypto, cuja formula é a seguinte: Em cinco almudes d'agua fazem-se ferver dois kilos de folhas de eucalypto, depois d'esta tisana estar completamente fria, rega-se com ella os pés da vinha, na porporção de dois litros para cada pé. Esta operação repete-se tres vezes durante o periodo da fructificação da vinha. O sr. Cyrillo Rosa presta todos os mais esclarecimentos que lhe sejam pedidos.

Grão-Vasco. Vae ser publicada em Vizeu, uma memoria inedita do conego José d'Oliveira Bernardo, a respeito de Grão-Vasco. Em Vizeu trata-se tambem de collocar em uma galeria apropriada os quadros d'aquelle pintor, que existem na Sé d'esta cidade, e outras obras d'arte.

O cavalheiro de Oliveira. O distincto poeta sr. Joaquim d'Araujo vae publicar em breve um estudo historico, que está escrevendo com o titulo *O cavalheiro de Oliveira e a sociedade portugueza do seculo XVIII*.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

La Fisica moderna, *revista mensual ilustrada*, director-gerente Clemente G. Aramburo, Madrid, n.a 1 do primeiro anno. Esta revista que principiou a publicar-se em Madrid, propõe-se a dar noticia de todas as innovações que a physica e mais sciencias que com ella se relacionam, estão apresentando todos os dias. O numero que temos presente occupa-se de novos instrumentos applicados á meteorologia, dos conductores de pára-raios, e de novas experiencias e apparelhos photographicos de grande novidade.

O Mundo Elegante, *mensageiro semanal illustrado de modas e bom tom, dedicado ás senhoras portuguezas e brazileiras*, directora litteraria D. Guiomar Torrezão, directora da secção de modas Blanche de Mirebourg. Paris, n.º 1 do segundo anno. Publica grande profusão de figurinos da ultima moda. A sua parte litteraria é distincta.

Os Diccionarios do Povo, *propaganda de instrucção para portuguezes e brazileiros*. David Corazzi editor, Lisboa. N.º 4 *Diccionario Inglez-Portuguez*. Com o fasciculo 30, concluio este diccionario, o mais economico que se tem publicado, pois custa apenas 600 réis encadernado.

Os Antros de Paris, por Xavier de Montepin, traducção de Cunha e Sá, com illustrações em chromo por Manuel de Macedo. David Corazzi editor, Lisboa. O primeiro volume publicado, tem todo o interesse de um romance, como os sabe fazer o festejado auctor do *P. L. M.* e de tantos outros romances, que em França agradaram extraordinariamente, e que em Portugal tem sido publicados, em grande parte, pela casa editora de David Corazzi, com a mais completa acceitação do publico.

O Decameron, por Giovanni Boccacio, traducção de Alfredo de Amorim Pessoa. F. Pastor, editor, Lisboa. Está publicado o primeiro volume d'esta obra vantajosamente conhecida no mundo litterario, mas ainda não vulgarisada no nosso paiz, onde a litteratura italiana é quasi ignorada. Os contos de Boccacio devem por isso despertar certo interesse no publico.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 7.a serie n.º 2, Lisboa. Este boletim publica o relatorio do tenente de caçadores sr. Arthur de Paiva, da expedição ao Cobango. São importantes as suas communicações, resultado dos estudos que fez n'aquella região. Acompanha o relatorio oito mappas, incluindo a planta do forte *Princeza Amelia* levantado pelo distincto official, na margem esquerda do rio Cobango. Fecha este numero do boletim um estudo do sr. Paul Choffat sobre os *terrenos sedimentares da Africa portugueza*, e *considerações sobre a Geologia d'este continente*.

AFRICA PORTUGUEZA — UM BARCO DE PESCA

(Segundo uma photographia de Moraes)

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa